

Matheus Mazurkiewicz Sekikawa²

Resumo: Preservado em caráter incompleto junto com *Beowulf*, o poema *Judite*, cujo manuscrito data da virada para o século XI, destaca-se como uma possível fonte para diversas leituras do período Anglo-Saxônico. Uma leitura incomum dele é enquanto um veículo de mensagens políticas. Com base no livro de *Judite* da Bíblia Vulgata Latina, o poema é povoado por elementos culturais de base germânica, onde *Judite* assume um papel de guerreira, em um pano de fundo do antigo testamento. A personagem bíblica é apropriada pelos anglo-saxões a partir de uma leitura alegórica, cujo efeito é atestado pela multiplicidade de representações da personagem *Judite*. Além do poema, é analisada a homilia de *Ælfric de Eynsham* (c.950-c.1010), onde o caráter celibatário é destacado. Com a comparação entre os dois textos, este artigo busca o que há de político no poema: o ideário que data do período do Rei Alfred (r.871-899) e as suas reformas que culminaram em uma teologia política cristã centralizada na figura real. A questão do seu público-alvo, por fim, possibilita formular a hipótese do poema *Judite* como uma peça de retórica política para a aristocracia laica e eclesiástica em um período de intensificação de ameaças externas e instabilidade política similares àquelas enfrentadas no século IX.

Palavras-chave: Inglaterra Anglo-Saxônica; Teologia Política; *Judite*.

THE ANGLO-SAXON POLITICAL THEOLOGY IN THE POEM JUDITH

Abstract: Preserved incompletely with *Beowulf*, the poem *Judith*, dated at the turn of the eleventh century, is an important source for a myriad of perspectives on the Anglo-Saxon period. An uncommon way of understanding it is as a medium for political ideas. Based on the Vulgate Latin Bible, though the poem is set in the Old Testament, is populated with cultural elements of a Germanic background in which *Judith* is fashioned as a warrior. The biblical character is appropriated by Anglo-Saxons with an allegorical interpretation and its consequences are her multiple representations. Beyond the poem, *Ælfric of Eynsham's* (c.950-c.1010) homily is analysed, where celibacy is highlighted.

¹ Gostaria de agradecer ao Prof. Dr. Elton Oliveira Souza de Medeiros, quem me guiou nesta investigação. Ela nasceu de inquietações em torno dos anglo-saxões que foram tão importantes para o início da minha trajetória.

² Mestrando em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Contato: matheus.sekikawa@gmail.com.

Comparing the two texts, this article searches for what there is of political in the poem: a set of ideals dating to King Alfred's (r.871-899) reign and his reforms resulting in a christian political theology centered on the king. The issue of its target audience, at last, enables an hypothesis of the poem *Judith* as a piece of political rhetoric for a secular and ecclesiastical aristocracy in a historical period of external threats and political instability similar to those of the ninth century.

Keywords: Anglo-Saxon England; Political Theology; Judith.

O período da Inglaterra Anglo-Saxônica compreende, nos termos mais amplos, do declínio das estruturas romanas e as ondas migratórias de populações do norte do Continente no início do século V até a Batalha de Hastings em 1066 com a vitória de Guilherme, o Conquistador, então duque da Normandia e, com este evento, rei da Inglaterra. Neste intervalo, desenvolvimentos significativos ocorreram, de particular importância a conversão das diversas comunidades anglo-saxônicas ao cristianismo – trajeto narrado por Beda (672-735) na *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum*. (CAMPBELL, 1991)

O cristianismo contribuiu para a formação de uma tradição poética-literária textual entre os anglo-saxões. Os poemas desta estão preservados em quatro principais códices: o *Livro de Exeter*, o *Livro Vercelli*, o *Codex Junius XI*, e o *Códice Nowell* (MEDEIROS, 2019, p.200-201). Entre os poemas preservados está *Judite*. *Judite* é uma personagem bíblica cujas manifestações no imaginário anglo-saxão suscitam uma gama de possibilidades de análise, seja no campo religioso, político e de gênero. *Judite* é um poema escrito em inglês antigo baseado no livro de *Judite* da Bíblia Vulgata Latina, que narra a história do embate entre os hebreus e os assírios. No poema, Holofernes e *Judite* representam ambos os lados dos povos em guerra e os únicos personagens relevantes (WILLIAMSON, 2017, p.691).

Antes de uma análise textual, uma ressalva é importante. Michael Godden (GODDEN, 1991, p.206-226) aponta como as passagens bíblicas eram

lidas e transmitidas enquanto alegorias. Um dos motivos para tal leitura, que conscientemente afastava-se do sentido literal dos textos, eram os comportamentos tidos pela sociedade cristã do período como abjetos, seja o incesto ou o concubinato (GODDEN, 1991, p.206, 208). A fim de manter a autoridade destas histórias e o seu valor moral, cujo uso histórico foi um possível catalisador do processo de conversão dos reinos anglo-saxões nos séculos VII-VIII (GODDEN, 1991, p.207-208), a leitura alegórica fez-se necessária. Este tipo de compreensão possibilitou conservar a influência religiosa dos textos, com o objetivo de traçar paralelos morais entre o tempo bíblico e o período contemporâneo aos anglo-saxões (GODDEN, 1991, p.208).

Com a ciência do recurso da leitura alegórica realizada pelos anglo-saxões, duas representações textuais de Judite serão comparadas a seguir: o poema *Judite*, conservado em manuscrito no Códice Nowell (MEDEIROS, 2012, p.123), e a homilia de Ælfric sobre o livro bíblico de Judite, preservada no Cambridge, Corpus Christi College, MS 303: *Old English Homilies* (HAWKES, 2023).

Apesar de tratarem da mesma personagem bíblica, existem distinções que, quando analisadas sob a condição de sua apropriação alegórica, apontam para a instrumentalização da narrativa bíblica. O propósito desta comparação é demonstrar as diversas possibilidades de apropriação da narrativa bíblica durante o período e destacar os elementos políticos presentes na confecção do poema *Judite* e a possibilidade de pensá-lo como um veículo de ideais políticos.

O poema *Judite*

O poema está preservado em caráter incompleto no Códice Nowell – datado da virada para o século XI (COOPER, 2010, p.171) – junto com o poema *Beowulf*, *Paixão de São Cristóvão*, *Maravilhas do Oriente* e *Cartas de Alexandre à Aristóteles* (THOMSON, 2018, p.xviii). Por análise da escrita do

Códice Nowell constata-se duas grafias distintas, designados pela historiografia como “escriba A” e “escriba B”. Este último teria sido responsável por uma seção de Beowulf a partir do verso 1939 até o que resta de Judite. O “escriba A” foi responsável pela seção inicial do manuscrito (FILHO, 2014, p.50). Judite, portanto, ocupa um lugar desconfortável, como o único texto produzido integralmente pelo “escriba B”³.

A produção da compilação onde está localizado o manuscrito do poema Judite é datado da virada para o século XI (COOPER, 2010, p.171), o que não extingue questionamentos históricos. As diversas análises, sejam linguísticas, materiais do manuscrito ou histórico-textuais, levantam disputas sobre a datação do conjunto de manuscritos. Para Kiernan, por exemplo, o texto de Beowulf deve ter sido escrito no reino de Cnut, depois de 1016, porque o conteúdo escandinavo da narrativa não teria sido bem recebido durante o reino de Æthelred II, quando se intensificaram os ataques por barlavento (KIERNAN, p.15-23). Sobre outra proposta, a de David Norman Dumville que colocaria a escrita do Códice entre 987 e 1013 por conta de evidências paleográficas do formato da escrita das palavras, Thomson relata que “(...) é apoiada na paleografia como ciência, entendendo como improvável que a minúscula quadrada estaria em uso em período tão tardio como 1016”⁴. A baliza inadequada da virada do século mostrou-se apropriada para os propósitos de identificar uma teologia política de caráter longevo.

Alguns elementos são possíveis de serem destacados com a leitura isolada do poema. Primeiro o seu caráter marcial. O evento que é a decapitação de Holofernes por Judite é descrito de modo detalhado, mostrando o esforço físico do ato, cuja conclusão é o destino da alma do

³ Alguma controvérsia existiu se o poema Judite de fato pertencia originalmente com os outros textos reunidos no Códice, ou seja, que o poema veio de outro manuscrito completamente diferente. Recentemente, entende-se que Judite pertencia ao Códice, mas seu lugar original era antes da Paixão de São Cristóvão e Beowulf, portanto, seria o último texto do Códice. (LUCAS, 1990; THOMSON, 2018)

⁴ “The major response is Dumville's, and is rooted in palaeography as a science, finding it highly unlikely that Square minuscule was being used as late as 1016.” (THOMSON, 2018, p.70)

general, condenada a sofrer no inferno (WILLIAMSON, 2017, p.696, vv.125-148).

A violência do ato é caracterizada como uma vitória em batalha: “Judite havia assim obtido grandiosa glória na luta, uma vez que Deus, o Senhor dos céus, lhe permitiu lhe dando a vitória.” (*Judite*, vv.123-124) (MEDEIROS, 2012, p.133). Judite leva a cabeça do general assírio até a cidade de Betulia, onde exorta os hebreus a tomarem armas e lutar contra seus inimigos. O que segue é a descrição da batalha entre os dois povos. Os assírios, com seu líder morto, falham em resistir às investidas dos hebreus, que são bem-sucedidos em derrotá-los. Judite assume uma posição de conselheira, a qual é recompensada com a armadura e a espada de Holofernes.

Os elementos culturais anglo-saxões transportados para o poema são candentes. Apesar de se passar em um espaço e tempo distinto daquele seu, elementos culturais de fundo germânico compõem a imagem do banquete narrado, que antecede a morte de Holofernes. A tenda assíria assemelha-se a um salão, povoado por homens em cota de malha (WILLIAMSON, 2017, p.693) caracterizados como “guerreiros de escudos” (MEDEIROS, 2012, p.127). O próprio Holofernes é caracterizado como “o resoluto doador de tesouro” (MEDEIROS, 2012, p.129), uma virtude política anglo-saxônica:

*Hie ða to ðam symle sittan eodon,
wlance to wingedrince, ealle his weagesiðas,
bealde byrnwiggende. þær wæron bollan steape
boren æfter bencum gelome, swylce eac bunan ond orcas
fuller fletsittendum (*Judite*, vv.15-19)*

Então eles foram e se sentaram para o banquete, os homens insolentes a beber vinho, todos os seus companheiros de malefício, aqueles valentes guerreiros de armaduras. Lá grandes jarras eram carregadas continuamente pelos bancos e assim enchendo os copos e canecas dos convidados sentados. (MEDEIROS, 2012, p.127).

Holofernes é o contraponto moral na narrativa. Enquanto Judite é caracterizada pela sua beleza – “a mulher de beleza élfica” (MEDEIROS, 2012, p.127,) – determinação – “radiante em sua determinação,” (MEDEIROS, 2012, p.127 – e devoção - “a gloriosa serva do Salvador” (MEDEIROS, 2012, p.131) – o assírio é glutão, bestial e lascivo:

hlōh ond hlydde, hlynede ond dynede,
 þæt mihten fira bearn feorran gehyran
 hu se stiðmoda styrmde ond gylede,
 modig ond medugal, manode geneahhe
 bencsittende þæt hi gebærden wel. (Judite, vv.23-27)

Ele riu e gritou e rugiu e vociferou, de modo que os filhos dos homens podiam ouvir ao longe como aquele homem resoluto berrava e gritava, arrogante e bêbado, e por várias vezes ordenava aos que se sentavam nos bancos para eles aproveitarem bem (MEDEIROS, 2012, p.127)

Het ða niða geblonden
 þa eadigan mægð ofstum fetigan
 to his bedreste beagum gehlæste,
 hringum gehrodene. (Judite, vv.34-37)

Então, sendo torpe e promíscuo, ele ordenou que levassem a abençoada virgem – enfeitada com braceletes e adornada com anéis – rapidamente para sua cama (MEDEIROS, 2012, p.129).

A morte de Holofernes seria, portanto, uma vitória moral do cristianismo sobre o pecado. Não só, como os seus vícios não são sem consequência. No momento que Judite é entregue ao quarto do general, um aspecto paranoico de sua personalidade é apresentado:

þær wæs eallgylden
 fleohnet faeger ymbe þæs folctogan
 bed ahongan, þæt se bealofulla
 mihte wlitan þurh, wigena baldor,
 on æghwylcne þe ðær inne com
 hæleða bearna, ond on hyne nænig
 monna cynnes, nymðe se modiga hwæne
 niðe rofra him þe near hete
 rinca to rune gegangan (Judite, v.46-54)

Lá havia uma elegante tela dourada, pendurada ao redor da cama do líder de forma que o terrível homem pudesse ver através dela, o herói de seus guerreiros, cada um dos filhos dos homens que entrasse lá, mas a ele ninguém da raça dos homens, a não ser que, homem valente, ordenasse um de seus renomados e malignos soldados a vir próximo a ele para uma conversa secreta (MEDEIROS, 2012, p.129)

O temor de Holofernes no que toca o trânsito de pessoas em seu quarto, uma possível medida contra intrigas, é causa dupla da derrota dos assírios. Primeiro que, no estupor embriagado e de luxúria, Holofernes deixou-se vulnerável para o ataque de Judite:

*Het ða niða geblonden
þa eadigan mægð ofstum fetigan
to his bedreste beagum gehlæste,
hringum gehrodene. (Judite, vv.34-47)*

Então, sendo torpe e promíscuo, ele ordenou que levassem a abençoada virgem – enfeitada com braceletes e adornada com anéis – rapidamente para sua cama. (MEDEIROS, 2012, p.129)

*Gefeol ða wine swa druncen
se rica on his reste midden, swa he nyste ræda nanne
on gewitlocan. (Judite, vv.67-69)*

Então o grande homem desabou no meio da cama, tão bêbado com o vinho que ele estava absorto de seus pensamentos. (MEDEIROS, 2012, p.131)

Segundo que, durante o ataque hebreu, seus soldados foram até o seu quarto para avisá-lo, mas hesitaram, temendo a reação do seu líder (WILLIAMSON, 2017, p.699-700).

Holofernes pode ser comparado com o personagem Heremod presente em “O Conselho de Hrothgar” (*Beowulf*, vv.1651-1813). O rei Hrothgar, no poema *Beowulf*, após ser presenteado pelo herói, conta a história de seu povo. Entre as personagens mencionadas, Heremod é narrado como um rei cruel, violento e paranoico:

<i>breat bolgenmod</i>	<i>beodgeneatas</i>
<i>eaxlgesteallan</i>	<i>ob þaet he ana hwearf</i>
<i>mære þeoden</i>	<i>mondreamum from,</i>
<i>(...)</i>	
<i>hwaephe him on ferhpe greow</i>	
<i>breosthord blodreow (Beowulf, vv.1713-1719)</i>	

Enfurecido, matou companheiros de mesa, camaradas em armas, até que ele se tornou apartado da alegria dos homens, aquele poderoso líder. (...) em seu coração, em seu tesouro peito, tornou-se sanguinolento (MEDEIROS, 2022, p.149).

Ambos Holofernes e Heremod rompem com as expectativas de lealdade e reciprocidade material com os seus homens. Por este motivo os soldados de Holofernes hesitam ao entrar em seu quarto, por causa de seu temor representado pelos obstáculos impostos pelo general e, no fim, é uma das causas da derrota dos assírios para os hebreus. Heremod comete violência

contra seus soldados e recusa a dar presentes ("Não deu nenhum anel por honra aos daneses" (MEDEIROS, 2022, p.149). Existe, portanto, uma ruptura com as expectativas régias na desconfiança e violência contra os guerreiros de confiança.

Como será argumentado, Holofernes, assim como Heremod, são personagens literários cujo fundamento é um ideário comum ao redor dos valores políticos da sociedade anglo-saxônica. Hrothgar comenta que Heremod deve a sua posição ao favor divino e deve ser capaz de providenciar ao líder e a seu povo, mas os seus vícios impedem este propósito:

Wunað he on wsiste no hine wiht dweleð
adl ne yldo ne him inwitsorh
on sefan sweorceð ne gesacu ohwær
ecghete eoweð ac him eal worold
wendeð on willan; he bæt wyrse ne con (Beowulf, vv.1739-1739)

Ele vive em fartura! Nada o prejudica: a doença ou a idade, nem tristezas tornam seu espírito sombrio, nem surgem conflitos ou guerras em qualquer parte, mas, para ele, todo mundo procede como deseja; ele não conhece nada por que isto" (MEDEIROS, 2022, p.149-150).

O que segue, o abandono de Deus por Heremod por conta dos vícios da violência, ganância e orgulho é a morte, narrada no poema:

Hit on endestæf eft gelimpeð
þæt se lichoma laene gendreoseð
fæge gefealleð (Beowulf, vv.1753-1755)

Depois, no fim, acontece que o seu corpo efêmero se enfraquece, fadado a morrer, e perece. (MEDEIROS, 2022, p.153).

Não há no poema *Judite* discussão semelhante sobre a figura de Holofernes, no fim um líder de soldados. Mas como se buscará mostrar, existe um compromisso com um ideário político no poema que impacta a leitura sobre o general assírio.

Já ao mover o foco da análise de Holofernes para a personagem Judite, outras questões são postas. De que modo Judite é representada no poema? Como Judite existe no imaginário anglo-saxão? Alguns elementos já foram levantados, como o seu caráter virtuoso em oposição aos vícios do general

assírio. Contudo, não existe uma única Judite legada textualmente para o presente. Este fato é fundamental para complexificar o entendimento deste passado anglo-saxão. A comparação do poema com outro texto sobre Judite, do mesmo período, pode ajudar a revelar as diversas apropriações da narrativa bíblica, assim como, se não o exato contexto de sua produção, aquilo que é lacunar no seu processo de transmissão.

As duas Judites

Ælfric de Eynsham (c.950-c.1010) foi um erudito e religioso anglo-saxão reconhecido pelas suas homilias, gênero literário em prosa que compreende uma exposição geral de um trecho bíblico durante uma missa e um sermão (LAPIDGE, 2014, p.247). A homilia de Judite é datada entre 1002-1005 (LEE, 1999). Assim, tanto a homilia quanto o poema são datadas no mesmo intervalo de tempo da virada para o século XI (MAGENIS, 1995, p.61).

A homilia de Ælfric pode ser separada em duas seções. A primeira é a própria narrativa bíblica, com diferenças entre os dois textos. Com um início claro, Ælfric inicia comentando sobre os dois reis Nabucodonosor, o primeiro da Babilônia, o segundo, Cambises, senhor dos assírios. O texto relata desde o início do conflito, os eventos que precedem a introdução de Judite e outros personagens como Achior, um líder de guerra condenado à morte por Holofernes; Ozias, hebreu que defendia a submissão a Holofernes, intimidado pelo general; Joachim, líder religioso que exaltou Judite após a batalha (HAWK, 2023). Esta primeira diferença salta aos olhos: somente dois personagens existem no poema, Judite e Holofernes. O resto das personagens são chamadas por nomes genéricos seja a “sua prestativa serva” (MEDEIROS, 2012, p.137), que ajuda Judite a escapar o acampamento inimigo após a execução de Holofernes, ou enquanto os gentílicos, hebreus e assírios. A prioridade dada à batalha na homilia também é diminuta, nem os elementos

da cultura anglo-saxônica estão presentes. O combate corresponde a um parágrafo.

Outra diferença é a postura de Judite ao receber os espólios de guerra. No poema, Judite recebe como recompensa por seu empenho em aconselhar os hebreus na vitória o equipamento de Holofernes:

Como recompensa, o destemido guerreiro trouxe de volta para ela da expedição a espada e o sangrento elmo de Holofernes, assim como sua grande cota de malha adornada de ouro vermelho; e tudo que o implacável senhor dos guerreiros possuía de riquezas ou bens pessoais, de anéis e de belos tesouros, eles deram para aquela iluminada e astuta dama. (MEDEIROS, 2012, p.145)

Apesar da recompensa material, ela tinha a salvação enquanto aquilo de maior valor:

Por tudo isso Judite deu glórias ao Senhor dos exércitos, que lhe concedeu glória e renome no reino terreno assim como também a recompensa no céu, o prêmio da vitória da glória celeste porque ela sempre teve a verdadeira crença no Todo Poderoso. Certamente no final ela não duvidou da recompensa pela qual ela longamente ansiava. (MEDEIROS, 2012, p.145).

Na homilia, Ælfric comenta que Judite se recusa em aceitar o butim de um pecador como Holofernes:

Ela não teve o desejo, assim como conta a história, de obter os espólios de guerra daquele general sedento por sangue dado como presente pelo seu povo; ela amaldiçoou as roupas dele, pois não tinha desejo

de vesti-las, e desfez-se das coisas dele – ela não desejava ser contaminada pelo pecado de sua heresia.⁵ (HAWKES, 2023).

A comparação serve para mostrar uma grande diferença: a de propósito. A homilia tinha como propósito exaltar Judite enquanto um modelo feminino.

A segunda seção da homilia é esclarecedora, visto que *Ælfric* insere a si mesmo como o orador do sermão e guia a interpretação da narrativa. Ele declara que Judite representa o ideal de serva de Deus:

Ela era humilde e pura, superou o orgulho, pequena e nada forte, e derrotou o poderoso general. Portanto, ela simboliza a piedosa com seus trabalhos, a congregação sagrada daqueles que vivem com Deus, a Igreja de Cristo e todo o povo cristão, a sua noiva pura que com a fé fortalecida decapitou a cabeça do velho demônio, perpetuamente pura no serviço de Cristo (HAWKES, 2023)⁶

O que segue do comentário de *Ælfric* sobre a recusa de Judite em tocar os espólios de Holofernes é uma censura ao comportamento das mulheres alvo de sua oratória, seu público:

Mirem-se no exemplo de Judite. Quão pura vivia antes do nascimento de Cristo e não enganou Deus no tempo do Evangelho na pureza sagrada prometida por Cristo, porque ele condena os fornicadores e queima a alma dos vergonhosos no inferno, assim como está em latim nos ensinamentos de Paulo: “Deus julga os fornicadores e adúlteros (HAWKES, 2023)⁷

É particularmente interessante que Judite seja um recurso para tratar sobre a castidade, visto que na narrativa de *Ælfric* ela é uma viúva que se veste de modo a captar o olhar de Holofernes. A sua agência e iniciativa, se

⁵ “She did not desire to have, just as the story says, the bloodthirsty one's war-spoils, which the people gave her; but she accursed all his clothes, she did not desire to wear them, but cast them off from her—she did not desire to have any sin because of his heathenism.” (HAWKES, 2023).

⁶ “She was humble and clean, and overcame pride, little and not strong, and laid down the great one. Therefore she signifies the faithful with works, the holy congregation who now lives in God, that is the church of Christ in all Christian people, his one clean bride who with keen belief cuts off the head from the old devil, ever in cleanliness serving Christ” (HAWKES, 2023)

⁷ “Take for yourselves an example from this Judith, how cleanly she lived before the birth of Christ, and do not deceive God in the time of the Gospel in the holy cleanliness that you promised to Christ, because he damns the secret fornicators and he scorches the foul shameful ones in hell, just as it says in Latin according to the teaching of Paul: “God judges fornicators and adulterers.” (HAWKES, 2023)

comparada ao texto da Vulgata, contudo, é solapada em várias instâncias na homilia. Exemplos desta escolha por *Ælfric* são a omissão da convocação dos anciões hebreus por Judite, de seus discursos e das orações que movimentam a narrativa bíblica (CLAYTON, 1994, p.224). A omissão mais substantiva, central para o objetivo específico da homilia, gira ao redor de como sua castidade é retratada e priorizada. Apesar da clareza com que *Ælfric* retrata o embate entre a casta Judite e o tirano Holofernes, a narrativa bíblica é mais ambígua, uma vez que Judite seduz e planeja o seu assassinato. Mary Clayton (1994, p.222-225) nota como, na narrativa da homilia, Judite também é uma agente que instiga a luxúria e o hedonismo de Holofernes (CLAYTON, 1994 p.223-224). O efeito deste papel de Judite é claro para Clayton:

O padrão familiar da mártir virgem que se opõem ao tirano lascivo parece determinar como *Ælfric* entende a cena, mas distancia-se da narrativa bíblica. Enquanto mártires resistem a tentação, Judite tenta; enquanto mártires rejeitam ornar-se em roupas eróticas, Judite usa delas para seduzir Holofernes (CLAYTON, 1994, p.223)⁸

Magennis também nota este esforço da homilia em disfarçar o aspecto ardiloso da personagem pela insistência na dicotomia entre o bem e o mal: “O foco aqui é completamente nos vícios de Holofernes e não na ambiguidade da sensualidade de Judite” (MAGENNIS, 1995, p.62)⁹. O efeito desta é uma passividade da personagem ao mesmo tempo que o elemento sexual permanece¹⁰, daí a ambiguidade da homilia. Clayton escreve que:

⁸ “The familiar pattern of the virgin martyr opposed to the lustful tyrant seems to determine the way in which Elfric views this scene, but it is one which is at odds with the biblical story. Whereas martyrs resist temptation, Judith tempts and, while martyrs reject ornate clothing and all the trappings of sexual adornments, Judith adopts them in order to seduce Holofernes” (CLAYTON, 1994, p.223)

⁹ “The emphasis here is totally on the wickedness of Holofernes and not at all on the duplicitousness or erotic guile of Judith” (MAGENNIS, 1995, p.62)

¹⁰ A sexualidade na narrativa de Judite também deve ser suprimida para o efeito moral da homilia. A censura deste tipo não é incomum em materiais anglo-saxônicos. Oswald (2010) demonstra como estes apagamentos, como nas ilustrações em *Maravilhas do Oriente*, estão ligadas a ideia de monstruosidade, um Outro cuja não-humanidade é motivo de um apagamento de características humanas. Talvez seja possível dizer que *Ælfric* tenta uma

Não importa quanto ele tenta manipular seu sentido, Ælfric não consegue omitir a manipulação e a autonomia sexual de sua heroína e, no fim, fica encurrulado em sua obstinação em suprimir estes elementos e conter Judite dentro de padrões ditados por seu desejo de fazê-la um modelo para virgens e não seguir o retrato bíblico de uma mulher tenaz e capaz que, pela castidade, explora sua sexualidade para matar um inimigo de seu povo. O leitor não pode ignorar a distância entre o texto e a exegese de Ælfric (CLAYTON, 1994, p.225)¹¹.

Dana M. Oswald nota uma ansiedade ao redor da sexualidade feminina em outras homilias de Ælfric, cuja preocupação com o *ledenun* (traduzido como *loins*, ou de modo amplo, o sexo) denota a associação do corpo feminino com a tentação e, portanto, demonstraria um papel ativo. A razão em rejeitar esta agência seria uma confusão nos papéis de gênero e, decorrente desta suposição, a necessidade do homilista reafirmar a passividade feminina (OSWALD, p.61-63). Isto poderia explicar a razão de Ælfric preocupar-se com a castidade deve ser acompanhada pela reformulação da protagonista e a supressão de suas iniciativas.

A marcialidade do poema épico, que o conecta com o *topos* heroico da poesia inglesa, onde poder e status são representados pelos feitos individuais (MEDEIROS, 2016, p.33), está marcada no poema. Já na homilia, a segunda seção revela a sua proposta na exaltação da personagem a fim de provocar o desejo de emulação por parte do seu público e enfim, o desejo de emulação das virtudes cristãs de Judite. A redução da agência de Judite na homilia aponta para uma tradição literária diferente daquela do poema – são duas Judites.

¹¹ “revisão” (termo de Oswald, *revision*) do corpo feminino, redirecionando a audiência para os vícios de Holofernes.

¹¹ “However much he tries to manipulate meaning, Ælfric cannot cancel the manipulativeness and sexual autonomy of his heroine and, in the end, he digs a hole for himself by his determination to play down these elements, to contain Judith within patterns dictated by his desire to make her into a model for virgins rather than following the biblical portrait of a forceful, resourceful woman who, though chaste, exploited her sexual attractiveness to kill an enemy of her people. The reader cannot but be struck by the gap between the text and Ælfric's exegesis” (CLAYTON, 1994, p.225)

É possível, tendo em mente as diferenças entre as representações de Judite no poema e na homilia apontar que tão importante quanto estabelecer a autoria destes textos é descobrir o público a quem se dirigiam. Ælfric se dirige a uma “*min swustor*”, uma “*nunne*”. O último termo, particular ao período tardio do inglês antigo, não é o equivalente à “*freira*”, no período chamadas de “*mynecena*”, e sim a mulheres que declaravam votos de castidade e que não eram obrigadas a entrar em uma comunidade monástica (CLAYTON, 1994, p.225-227). A Judite de Ælfric, portanto, é moldada como uma lição moralizadora a estas mulheres, definidas pelo celibato – tanto a narrativa bíblica, que é remodelada pelas omissões, quanto a segunda seção, que explicita quais os temas que o erudito queria tratar. No poema, em contrapartida, não é explicitado a que público se dirigia. A voz do poeta não enuncia o seu propósito. Peculiar nesta diferença é como o corpo de Judite é tanto sexualizado na homilia, enquanto parte de uma sedução ardilosa, quanto suprimido, na tentativa de moralizar a narrativa, enquanto é retratado em termos genéricos de beleza no poema¹². O que ambos os textos mostram é a capacidade de autores anglo-saxões em modificar as narrativas bíblicas para propósitos e públicos específicos.

É possível supor como público-alvo do poema Judite a aristocracia a partir dos elementos que o definem em comparação à homilia de Ælfric: a marcialidade, o *topos* heróico, além dos aspectos divinos, compartilhados por ambos os textos, mas com particularidades no poema.

Um elemento, contudo, lança incertezas neste empreendimento. Se o poema Judite é encarado como um poema carregado de um *topos* heróico, a que senhor a personagem serve? A literatura do inglês antigo é carregada

¹² Sobre o papel do corpo na narrativa religiosa, *Figuring the Body: Gender, Performance, Hagiography*, de Lees e Overing (2009), mostra como Ælfric por um lado rompe com o modelo do século VII de Aldhelm no *De virginitate*, onde o martírio das santas chega a níveis escatológicos e explícitos de detalhes. Se Ælfric por um lado rompe com este ao esconder o corpo e o sexo deste, continua este modelo com o *locus corporizado* da santidade feminina. Judite é um caso interessante pela ambiguidade entre instigação e castidade na homilia, a qual ele tenta suprimir, como mostra Clayton (1994).

por elementos de um *ethos* guerreiro que envolve a relação fundamental entre um guerreiro e seu senhor e a troca de presentes figura enquanto uma das modalidades de construção das lealdades mútuas entre senhor e seu guerreiro (O'KEEFE, 1991, p.107). Esta relação já foi mencionada acima, a partir do mau exemplo de Holofernes e as suas semelhanças com Heremod. Enquanto aquele que não presenteava seus soldados, Heremod é o exemplo do mau senhor. A crueldade de Holofernes, assim como a sua temeridade e falta de confiança em seus guerreiros, demonstra a relação viciada entre senhor e seus homens. A resposta mais apropriada para esta resposta é que Judite tem em Deus o seu senhor.

O fato do favor divino que a acompanha é estabelecido na primeira estrofe do poema:

...tweode
gifena in ðys ginnan grunde. Heo ðar ða gearwe funde
mundbyrd æt ðam mæran þeodne, þa heo ahte mæste
bearfe,
hyldo þæs hehstan deman, þæt he hie wið þæs hehstan brogan
gefriðode, frysða waldend. Hyre ðæs fæder on roderum
torhtmod tiðe gefremede, be heo ahte trumne geleafan
a to ðam ælmihtigan. (Judite, vv.1-7)

...[Judite] suspeitava dos presentes neste vasto mundo. Assim ela logo se encontrou com a mão auxiliadora do grande Senhor, quando ela mais precisou do auxílio do supremo Juiz e Ele a protegeria contra este perigo supremo, o Senhor Criador. O ilustre Pai no céu garantiu o pedido dela nisto, pois ela sempre teve uma veemente devoção no Todo Poderoso. (MEDEIROS, 2012, p.127)

A sacralidade do empreendimento divino de Judite é afirmada pelo embate dicotômico entre o bem e o mal, representado por Holofernes:

Forgif me, swegles ealdor,
sigor ond soðne geleafan, þaet ic mid þys sveorde mote
geheawan þysne morðres bryttan (Judite, vv.88-90)

Conceda-me, Senhor dos céus, a vitória e a verdadeira fé, pois assim com esta espada eu poderei abater este perpetrador da morte (MEDEIROS, 2012, p.131).

O favor divino é um fator que justifica a ação premeditada de Judite em assassinar uma pessoa - não só enquanto um poder transcendente, mas

Deus como um senhor nos termos seculares. A violência do assassinato é completamente aliviada, auxiliado pelo tipo de leitura alegórica capaz de solapar as ações mais “condenáveis” da personagem. Green (2020) sintetiza bem que:

Assim, não era só o plano de Judite destruir os assírios e liberar os betulianos, e sim de Deus, cujo reconhecimento muda a agência de Judite para Deus, que é infalível. Judite, portanto, não é uma assassina nem suas ações são “masculinas”. Como mensageira de Deus, Judite realiza atos altruístas para salvar outros. (GREEN, 2020, p.98)¹³

Enquanto senhor, Deus, o “Senhor dos exércitos” (MEDEIROS, 2012, p.145) recompensa materialmente a lealdade de Judite – a armadura e as armas de Holofernes entregues a ela depois da batalha. Mas não só, como também a recompensa divina de sua alma (*Judite*, vv.341-346) (MEDEIROS, 2012, p.145).

É possível localizar no poema *Judite*, portanto, uma mensagem alinhada a um ideal político, da lealdade a um senhor, este, no caso, à própria entidade divina. Um propósito claramente distinto da narrativa da homilia de Ælfric, que privilegia o elogio à castidade, tema de sua censura às *nunne* a quem se dirigia. A possibilidade de uma leitura tal do poema aproxima a resposta sobre seu público-alvo, possivelmente uma aristocracia. A questão de gênero ao redor da personagem do poema não seria impeditiva, nem necessariamente perturbaria o leitor aristocrata de sentir-se identificado, uma vez que o *topos* heróico é definido pelas ações e representações de mulheres em lugares supostamente masculinos não era um fato anômalo entre os anglo-saxões. Exemplo disto é o uso do termo *hlæfdige*, o masculino de *hlaford* (“senhor”), para referir-se à Æthelflaed, filha de rei Alfred e “Senhora dos Mércios”, em uma posição de liderança política neste reino (MEDEIROS,

¹³ Thus, it seems that it was not only Judith's plan to destroy the Assyrians and liberate the Bethulians but God's, whose recognition and appreciation of Judith serves to shift the onus and gravity of the “act” from Judith to Him, which under no condition can be fallible. Judith is therefore neither a murderous female, nor are her actions “manly,” as God's messenger, Judith performs a selfless act to save others. (GREEN, 2020, p.98)

2016, p.40), mesmo que nem ela nem seu marido, *Æthelred*, nunca sejam identificados pelos termos *cuén* (rainha), ou *cyning* (rei).

A teologia política e o poema *Judite* como retórica

A sacralidade do poder régio, um dos principais aspectos políticos do período, contribui para supor a aristocracia como público-alvo do poema. Há uma longa trajetória de formulação deste ideário. Um marco importante para um novo paradigma de poder real pode ser identificado na corte do rei *Ine* (688-726) dos *Saxões Ocidentais*, para quem o rei torna-se responsável por “integrar seu clero e nobreza aos processos deliberativos que reuniam costumes antigos e um *corpus de lei* recém-implantado” (STENTON apud CHANEY, 1999, p.179)¹⁴. Esta formulação culminará, eventualmente, nas propostas de coesão política das reformas do rei *Alfred* (CHANEY, 199, p.179).

O período alfrediano foi marcado por ameaças externas. O primeiro relato de *vikings*¹⁵ na Inglaterra é datado no reinado de *Beorhtric* de *Wessex* (768-802). O ataque ao monastério de *Lindisfarne* em 793 foi, contudo, o marco mais rememorado do início das mudanças que seguiriam. A narrativa da *Crônica Anglo-Saxônica* tem na chegada da “Grande Turba Pagã”, em 865, como o ponto de virada efetivo. O que eram ataques por butim eventuais tornou-se uma força de conquista que solapou os reinos de *Nortúmbria* e da *Ânglia Oriental* em 867, assim como a porção norte do território da *Mércia*, em 877. Somente a casa real de *Wessex* permaneceu intacta. O rei *Alfred*, que ascendeu ao trono em 871, confrontado com a crise das invasões, empreendeu uma série de reformas coordenadas. (RYAN, 2013, p.258-262)

¹⁴ “bringing his clergy and nobles into delibertaion on the blending of ancient custom and new enactment in an elaborate body of law” (STENTON apud CHANEY, 1999, p.179)

¹⁵ Apesar da controvérsia ao redor do termo e as múltiplas apropriações anacrônicas, o termo *viking* é usado para designar não um grupo étnico ou cultural, mas um coletivo identificado nas fontes anglo-saxônicas como hordas de saqueadores, definidos pela prática do saque, vide (MEDEIROS, 2020)

A reforma militar-administrativa compreendeu a reformulação do *fyrd* em um exército bem equipado e a construção de várias cidades muradas, os *burhs*. Em paralelo a esta, a fim de justificar as exigências materiais deste projeto, foi empreendida uma reforma espiritual. Esta última teve como objetivo a centralização política na figura real – Alfred buscava os meios possíveis para lidar com a crise e para tal exigiu uma série de obrigações daqueles com posse de terras – e produziu uma série de textos traduzidos para o Inglês Antigo como o *Consolatione Philosophiae* (*Froferboc* no Inglês Antigo) de Boécio e a *Regula Pastoralis* (*Hierdeboc*) do papa Gregório Magno (RYAN, 2013, p.262) nas quais estariam as justificativas de suas iniciativas. No capítulo 17 do *Froferboc*, uma inserção inédita da versão em Inglês Antigo, é veiculada a ideia de que os homens (de oração, de armas e de trabalho) são as ferramentas do governante ungido por Deus:

Assim, o material [terra para habitar, e presentes e armas e comida e cerveja e roupas] para um rei e suas ferramentas com as quais governa são aquelas com as quais ele mantém sua terra povoada. Ele deve ter homens de oração e homens de armas e homens de trabalho. Pois você sabe que sem essas ferramentas nenhum rei pode exercer sua habilidade (MEDEIROS, 2015, p.19).

Voltados para laicos e eclesiásticos, a reforma buscava a constituição de uma aristocracia educada, conectada por laços de amor e lealdade à figura régia atrelando à origem divina o poder real. Ao colocar aqueles dois grupos sob o mando real, o trecho destacado acima é um primeiro indício da negação da distinção entre os poderes secular e religioso em favor da centralidade régia. A consequência deste argumento coloca Alfred no topo da sociedade anglo-saxônica. Entre os exemplos, destaca-se como as reivindicações de privilégios eclesiásticos foram rejeitadas no seu reinado – especificamente a apropriação de terras da Igreja nas áreas conquistadas ao norte e a demanda da tributação em ouro (ABEL, 1998, p.245). Esta é uma manifestação concreta (ou pragmática) da teologia política alfrediana.

A partir da análise de decretos reais, Chaney (1999, p.220) argumenta como, apesar de existirem uma dualidade entre os mundos secular e

eclesiástico, um único sistema estava em operação onde o rei ocupava a posição central, em sua posição investida por Deus, em cooperação com o clero. O historiador argumenta que o caráter misto das jurisdições reais tinha origem na reivindicação da origem divina do poder real. Segundo o historiador:

O resultado é geralmente o pareamento do jugo divino e humano, pois como o deus Cristão tornou-se Homem e partir daí enredou a história humana em teologia, os reinos humanos do monarca anglo-saxão dependem para seu *salus* da sua relação com o divino. O soberano, portanto, como “representante de Cristo entre o povo cristão”, deve legislar sobre assuntos eclesiásticos e seculares – isto é, sobre a totalidade do bem-estar de seu reino sob Deus e o rei. (CHANAY, 1999, p.192)¹⁶

Esta lógica parece aproximar-se dos contornos mais gerais esboçados por Kantorowicz (1998, pp.54-57; p.73) sobre uma teologia política litúrgica da Alta Idade Média e de como reúnem-se na figura real o “*rex imago Chrsiti*” (a “Imagem de Cristo”), como designação ontológica da sacralidade, e o “*rex vicarius Christi*” (o “Vicário de Cristo”), como sua personalidade jurídica e administrativa de uma sociedade cristã de natureza dupla, religiosa e secular, que se relacionam.

Em termos espirituais da corte de Alfredo, as justificativas seriam encontradas nos textos traduzidos nela. Ainda naquele capítulo da versão em inglês antigo do texto de Boécio, a Mente, que representa a figura régia, discute com a Sabedoria que nunca cobiçara o poder e ainda assim lhe foi confiado (MEDEIROS, 2015, p.18-19). Subentende-se que quem concederia tal responsabilidade é Deus. Isto pode ser confirmado pela presença do favor divino ao redor da figura régia, aquela com sabedoria o suficiente para lidar com aquilo de mutável e contingente no mundo, chamado no *Froferboc* de

¹⁶ “The result is often a paralleling of divine and human rule, for as the Christian God created and then became Man and thereby enmeshed human history in theology, so the human realms of the Anglo-Saxon monarch depend for their *salus* on their relationship with the divine. The ruler, therefore, as ‘Christ’s deputy among Christian people’, must legislate on ecclesiastical as well as on secular matter – that is, on the totality of his kingdom’s well-being under God and the king.” (CHANAY, 1999, p.192)

wyrd – um desdobramento da ordem divina frente a liberdade humana (PAYNE, 1968, p.83-84; 91; 104). A sabedoria seria uma virtude real exercida na compreensão e na capacidade de administrar situações inesperadas. Frente a crise das invasões, Alfred seria aquele capaz de mobilizar recursos enquanto o líder da sociedade cristã elevado por favor divino e suas demandas materiais são justificadas pela sua sabedoria, evidenciada nos empreendimentos de tradução de sua corte.

A teologia política das reformas alfredianas perdurou além da vida deste rei e foi incorporada por seus sucessores. A fórmula “Cristo e o rei” (*Christ and the king*), usada pelos reis Æthelred II (r.978-1013; 1014-1016) e Cnut (r.1016-1035) sintetiza os desenvolvimentos daquele sistema herdado onde o rei assume a posição de guardião da Igreja, investido pelo poder divino (CHANAY, 1999, p.197). Outros eventos que demonstram a persistência da teologia política anglo-saxônica são as reformas do rei Edgar (r.959-975) na tentativa de fortalecer o celibato monástico (CHANAY, 1999, p.190-191), uma clara intervenção real no mundo eclesiástico.

A reincidência do argumento do poder divino do rei, desde os tempos de Alfred, pelo menos, conecta-se ao poema *Judite* pelo lugar ocupado pelo senhor, no caso Deus, em posição não só análoga à figura régia, como também fundamentada no ideal político do contexto da época da divindade do poder real. Um elemento linguístico também apoia este argumento. Chaney (1999, p.195) comenta como “drythen” é um termo polivalente que pode significar um lorde, um rei ou Deus. No poema, ele aparece três vezes para se referir a Holofernes, “o maligno senhor dos nobres” (egesful eorla dryhten) (*Judite*, v.21) (MEDEIROS, 2012, p.127), e a Deus, o “Senhor dos Exércitos” (weroda dryhtne) (*Judite*, v.342) (MEDEIROS, 2012, p.145) e o “querido Senhor” (leofan drihtne) (*Judite*, v.346) (MEDEIROS, 2012, p.145). O termo, portanto, cabe para tanto um senhor secular quanto para a divindade

cristã. A atribuição destes termos reforça a hipótese de que Judite carrega uma mensagem política.

A virada para o século XI trouxe uma série de mudanças no cenário político inglês. Durante o reinado de *Æthelred II*, quando o manuscrito do poema pode ter sido produzido, uma série de tensões e conflitos herdados de seu predecessor, até então sufocados, ebuliram entre a aristocracia laica e eclesiástica e os ataques vikings voltaram com frequência a partir de 980s e 990s (RYAN, 2013, p.335-343). Em 1010, uma das balizas para a datação do Códice Nowell (CHAMBERLAIN, 1975 apud COOPER, 2010, p.171), o líder danês Thorkell, que havia desembarcado com uma hoste de soldados em 1009, chegou no Vale do Tâmisa. Se tomada a datação de Kiernan, durante o reino de Cnut, apesar da origem danesa ele esforçou-se na manutenção da ordem política nos moldes ingleses¹⁷. Enquanto ferramenta de propaganda de um ideário político, *Judite* pode ser um reforço deste por um novo rei que não se empenhou em uma transformação cultural radical após a conquista, tanto que foi possivelmente coroado pelo arcebispo de Canterbury em 1017 (LAVELLE, 2022, p.178) e ainda foi um notório patrono da Igreja Inglesa (ELLIS, 2022, p.355)

É possível a hipótese de que o poema *Judite* estivesse voltado para a elite aristocrática, enquanto uma exortação à lealdade e ao cumprimento com a tarefa da defesa do reino, obrigação presente nas reformas alfredianas que fundamentaram a defesa contra os vikings no século IX e constituíram a base da relação desta aristocracia com seu rei (ABELS, p.206-207), coroado por favor divino. O empenho da reforma espiritual de Alfred, ao equipar o rei com justificativas dos meios de lidar com uma crise, é possivelmente

¹⁷ Kiernan (1996, p.22-23) descreve como Cnut foi capaz de reunir aspectos da cultura danesa e anglo-saxônica. Cnut aceitou as lei do Rei Edgar e continuou com decretos nesta mesma tradição. Entre os argumentos de Kiernan para a produção do Códice durante seu reino foi a estabilidade e paz que Cnut foi capaz de instaurar.

interessante em um contexto de renovação do perigo de invasões ou de um rei danês que buscou e conseguiu certa estabilidade.

Considerações finais

A constatação dos elementos políticos em *Judite* aponta para um texto complexo que, quando localizado no início do século XI, possibilita a sua contextualização no ambiente político do período e em uma longa tradição política.

A comparação entre Holofernes e Heremod suscita uma discussão intertextual e comparativa de elementos de um ideário político. Já a relação de sujeição de Judite a um senhor, Deus, como uma analogia entre a relação entre guerreiros e senhores ou seu rei, por outro lado, aponta para um ideário político comum que precede em um século a confecção do poema. A importância do presentear, e o porquê a ausência disso representa uma falha do caráter real de Heremod, pode ser rastreado até o capítulo 17 de *Froferboc*, onde é defendido o uso de bens materiais para recompensar os soldados. A paranoia e crueldade de Holofernes é uma ruptura com a expectativa de lealdade e amor que um senhor tem com que o serve. A possibilidade de leituras alegóricas dos textos do Antigo Testamento pelos anglo-saxões, a partir da comparação com as mudanças da narrativa bíblica na homilia de *Ælfric* para um propósito específico, fortalece o argumento que o poema *Judite* poderia ter um propósito retórico-propagandístico.

Os usos da personagem Judite no imaginário anglo-saxão eram múltiplos e mostram a relação instrumental do período com a tradição cristã imbricada pela tradição política anglo-saxônica. O poema pode ser entendido como mais uma instância de leitura alegórica voltada para motivos políticos em um contexto de incerteza que reativou um repertório consolidado de expectativas e obrigações entre senhores e seus súditos.

Fontes Primárias

Judith. In: WILLIAMSON, Craig (trans). *The Complete Old English Poems*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2017, pp.691-702.

Judite. MEDEIROS, Elton O. S. (trans). *Brathair*, v.12, n.2, 2012, pp.123-148.

HAWK, Brandon H. *Ælfric's Sermon On Judith*. Disponível em: <https://brandonwhawk.net/2017/01/17/aelfrics-sermon-on-judith/>. Acesso em: 14/10/2023.

MEDEIROS, Elton O. S. A “Santa Sabedoria” e a Vanglória: dois textos da literatura sapiencial anglo-saxônica e sua tradução para o português. *Veredas da História*, v. 8, n. 2, 2015, p. 5-23.

O Conselho de Hrothgar. In: MEDEIROS, Elton O. S. (trans). *Beowulf e outros poemas anglo-saxônicos (séculos VIII-X)*. São Paulo: Editora 34, 2022, pp.147-157.

Fontes Secundárias

ABELS, Richard. The Defence of the Realm. In: ABELS, Richard. *Alfred the Great – War, Kingship and Culture in Anglo-Saxon England*. Harlow: Longman, 1998, p. 194 – 218.

_____ The Reign of Solomon. In: ABELS, Richard. *Alfred the Great – War, Kingship and Culture in Anglo-Saxon England*. Harlow: Longman, 1998, p. 219 – 257.

CAMPBELL, James (ed.). *The Anglo-Saxons*. Londres: Penguin Books, 1991.

CHANAY, William. Sacral kingship in Anglo-Saxon law. In: _____. *The Cult of Kingship in Anglo-Saxon England: the transition from paganism to christianity*. Manchester: Manchester University Press, 1999, pp.174-220.

CLAYTON, Mary. *Ælfric's Judith: manipulative or manipulated?* *Anglo-Saxon England*, v.23, 1994, pp.215-227.

COOPER, Tracey-Anne. Judith in Late Anglo-Saxon England. In: BRINE, Kevin R.; CILETTI, Elena; LÄHNEMANN, Henrike. *The Sword of Judith: Judith Studies across the Disciplines*. Cambridge: Open Book Publishers, 2010.

ELLIS, Caitlin. Cnut's Ecclesiastical Policy in the Context of His English and Danish Predecessors. In: NORTH, Richard; GOERES, Erin; FINLEY, Alison (ed.). *Anglo-*

Sanish Empire: A Companion to the Reign of King Cnut the Great. Berlin: De Gruyter, 2022.

GODDEN, Malcom. Biblical literature: the Old Testament. In: GODDEN, Malcom; LAPIDGE, Michael. *The Cambridge Companion to Old English Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991, pp.206-226.

HOMILIES. In: LAPIDGE, Michael (ed.) *The Wiley Blackwell Encyclopedia of Anglo-Saxon England*. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2014, p.247.

KANTOROWICZ, Ernst H. A Realeza Centrada em Cristo. In: _____. *Os Dois Corpos do Rei: Um Estudo sobre Teologia Política Medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp.48-71.

_____. A Realeza Centrada na Lei. In: _____. *Os Dois Corpos do Rei: Um Estudo sobre Teologia Política Medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp.72-124.

FILHO, Gesner Las Casas Brito. *Nithwundor, terrível maravilha: o manuscrito de Beowulf como compilação acerca do Oriente*. 2014. 136 f. Dissertação (Mestrado em História Social)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2014.

GREEN, Kathryn A. The Conversion of Gendered Rhetoric in the Old English Judith poem. *Rivista di studi letterari, postcoloniali e di genere*, n.5, 2020.

KIERNAN, Kevin S. *Beowulf and the Beowulf Manuscript*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1996.

LABELLE, Ryan. Cnut, King of the English, 1017–1019. In: NORTH, Richard; GOERES, Erin; FINLEY, Alison (ed.). *Anglo-Sanish Empire: A Companion to the Reign of King Cnut the Great*. Berlin: De Gruyter, 2022.

LEE, Clare A.; OVERING, Gillian R. Figuring the Body: Gender, Performance, Hagiography. In: _____. *Double Agents: Women and Clerical Culture in Anglo-Saxon England*. Cardiff: University of Wales Press, 2009.

LEE, S.D. *Ælfric's Homilies on Judith, Esther, and the Maccabees*. 1999. Disponível em: <https://users.ox.ac.uk/~stuart/kings/main.htm>. Acesso em: 13/11/2023.

LUCAS, Peter J. The Place of Judith in the Beowulf-Manuscript. *The Review of English Studies*, v.41, n.164, 1990, pp.463-478.

MAGENNIS, Hugh. Contrasting narrative emphases in the old english poem "Judith" and Aelfric's paraphrase of the book of Judith. *Neuphilologische Mitteilungen*, V. 96, n. 1, 1995, pp. 61-66.

MEDEIROS, Elton O S. "A Corajosa Mulher": Representações femininas de poder na Inglaterra Anglo-Saxônica. *Poder & Cultura*, Rio de Janeiro, Vol. 3, Nº 5, pp.30-47, Jan.-Jun, 2016.

_____. O Sonho da Cruz: a tradição cristã bizantina na Inglaterra anglo-saxônica e a tradução do poema original ao português. *Revista Mirabilia*, vol. 29, n. 2, 2019.

_____. Dinamarqueses, Daneses ou Vikings? Problemas metodológicos e identitários na Inglaterra da Alta Idade Média. *Roda da Fortuna. Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo*, Vol.9, n.2, pp.157-181, 2020.

O'KEEFE, Katherine O'Brien. Heroic values and Christian ethics. In: GODDEN, Malcom; LAPIDGE, Michael. *The Cambridge Companion to Old English Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991, pp.107-125.

OSWALD, Dana M. The Indecent Bodies of the Wonders of the East. In: _____. *Monsters, Gender, and Sexuality in Medieval English Literature*. Cardiff: Boydell & Brewer, 2010.

RYAN, Martin J. The Anglo-Saxons and the Vikings. In: HIGHAM, Nicholas J.; RYAN, Martin J. *The Anglo-Saxon World*. Londres: Yale University Press, 2013, p. 232 - 270.

_____. The Age of Æthelred. In: HIGHAM, Nicholas J.; RYAN, Martin J. *The Anglo-Saxon World*. Londres: Yale University Press, 2013, p. 335 – 373.

THOMSON, Simon C. *Communal Creativity in the Making of the 'Beowulf' Manuscript: Towards a History of Reception for the Nowell Codex*. Leiden; Boston: Brill, 2018.